

Revista
Latino-americana de

*G*eografia e Gênero

Volume 10, número 2 (2019)
ISSN: 2177-2886

Artigo

Situacionalidade e Interpretações: Quantas Geografias Cabem em uma Vida?

*Situacionalidad e Interpretaciones: ¿Cuántas
Geografías Caben en una Vida?*

*Situationality and Interpretations: How Many
Geographies fit in a Lifetime?*

Mateus Fachin Pedroso

Universidade Estadual Paulista - Brasil
mateus_fachin@hotmail.com

Como citar este artigo:

PEDROSO, Mateus Fachin. Situacionalidade e Interpretações: Quantas Geografias Cabem em uma Vida?. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 10, n. 2, p. 66 - 78, 2019. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Situacionalidade e Interpretações: Quantas Geografias Cabem em uma Vida?

Situacionalidad e Interpretaciones: ¿Cuántas Geografías Caben en una Vida?

Situationality and Interpretations: How Many Geographies fit in a Lifetime?

Resumo

A proposta em debate surge de inquietudes que desde cedo me acompanham no movimento de interpretação da realidade vivida por meio da posição de ser-no-mundo. O ponto de partida é a interpretação de alguns conceitos pertencentes a Geografia e ciências afins tendo como aporte a posição do “eu”, considerando que a visão é sempre uma questão do poder ver, sendo estas situacionais e corporificadas. Partindo deste movimento, tomei para análise minha própria trajetória pessoal e intelectual com o propósito de apresentar as potencialidades de leitura do real destes conceitos sob diferentes posicionalidades, isso por acreditar que as análises reflexivas aqui propostas me permitiram raciocinar geograficamente sobre as relações entre o espaço, sujeito, trajetórias de vida e o HIV/AIDS. O tom pretendido foi o de possibilidade, expondo que é possível refletir sobre nossas próprias trajetórias a partir dos conceitos geográficos, para que haja empatia ao lidar com outras pessoas, com outras Geografias.

Palavras-Chave: Espaço; Trajetórias de Vida; Geografias Feministas; Gênero; Posicionalidades.

Resumen

La propuesta de debate surge de inquietudes que desde temprano me acompañan en el movimiento de interpretación de la realidad vivida por medio de la posición de ser en el mundo. El punto de partida es la interpretación de algunos conceptos pertenecientes a la Geografía y ciencias afines teniendo como aporte la posición del yo, considerando que la visión es siempre una cuestión del poder ver, siendo estas situacionales y corporificadas. A partir de este movimiento, tomé para analizar mi propia trayectoria personal e intelectual con el propósito de presentar las potencialidades de lectura de lo real de estos conceptos bajo diferentes posicionalidades, esto, debido a que creo que los análisis reflexivos aquí propuestos me permitieron razonar geográficamente sobre las relaciones entre el espacio, sujeto, trayectorias de vida y el VIH/SIDA. El tono pretendido fue el de posibilidad, exponiendo que es posible reflexionar sobre nuestras propias trayectorias a partir de los conceptos geográficos, para que haya empatía al lidiar con otras personas, con otras Geografías.

Palabras-Clave: Espacio; Trayectorias de Vida; Geografías Feministas; Género; Posicionalidades.

Abstract

The proposal under discussion here arises from some concerns that accompany me since early on in the movement of interpretation of reality I have lived through the position of being-in-the-world. Its starting point is the interpretation of some concepts belonging to Geography and related sciences, taking as a contribution the position of the "I", considering that vision is always a question of being able to see, being these situational and embodied. Starting from this movement, I took my own personal and intellectual trajectory to analyze the potential of reading the real of these concepts under different positions, believing that the reflective analyzes proposed here allowed me to reason geographically about the relations between

Mateus Fachin Pedroso

67

space, subject, life trajectories and HIV/AIDS. The intention of the chosen tone was possibility, stating that it is possible to reflect on our own trajectories from the geographical concepts, so that there is empathy when dealing with other people, with other Geographies.

Keywords: Space; Life Trajectories; Feminist Geographies; Gender; Positionalities.

Introdução

Este texto é iniciado pela confluência de inquietudes que desde cedo me acompanham no movimento de interpretação da realidade vivida por meio da posição de ser-no-mundo (DARDEL, 2011). Adianto que o presente escrito não é algo convencional, uma vez que tomarei como ponto de partida e de chegada minha trajetória de vida, com a proposta de interpretar alguns conceitos pertencentes a Geografia e ciências afins, tendo como aporte a posição do “eu”, considerando que “[...] a visão é sempre uma questão do poder ver” (HARAWAY, 1995, p. 25), sendo estas situacionais e corporificadas (ROSE, 1993).

Neste movimento, trarei para discussão algumas experiências adquiridas frente ao campo de possibilidades, no qual fiz algumas escolhas (VELHO, 1994), ao modo que tais experiências serão buscadas através da memória, ora temporalmente mais distante, ora evocadas em memória recente (MIOTELLO, 2008).

A partir deste pressuposto, me apoio na discussão gerada sobre a funcionalidade e uso dos conceitos na Geografia, entendendo que os conceitos são atos políticos criados a partir da necessidade da compreensão e representação dos fenômenos sociais presentes na realidade. Desta forma, os conceitos abordados marcam presença em diferentes momentos da minha vida - mesmo antes de conhecê-los -, de modo que atualmente posso interpretar com mais clareza os processos que vivi em um passado resgatado na memória, bem como os processos que são atuais, ainda em constante movimento (MEIHY, 2002).

É por isso que este texto demanda uma interpretação auto biogeográfica, na qual o proponente reformula constantemente “[...] seus próprios lugares de enunciação e, conseqüentemente, transforma suas realidades e identidades ao transformar a percepção que tem de si e de suas diversas posições no mundo” (RODRIGUES, 2017, p. 3154), estando sua construção em processo. Para estes fins, o presente escrito teve como objetivo realizar um exercício interpretativo de alguns conceitos da Geografia, ao ponto que tomei como base minha própria trajetória pessoal e intelectual com o propósito de apresentar as potencialidades de leitura do real destes conceitos sob diferentes posicionalidades. Deste modo, acredito que as análises reflexivas aqui propostas me permitiram raciocinar geograficamente sobre a relação entre o espaço, o sujeito, os trajetos de vida e o HIV/AIDS.

O Desenrolar da História...

Este *insight* surge embasado e inspirado pelo contato com o livro “Pelo espaço: uma nova política de espacialidade” de Doreen Massey (2008). Desde



Situacionalidade e Interpretações: Quantas Geografias Cabem em uma Vida?

o início do livro, a autora se posiciona de diferentes formas, em diferentes momentos, sempre se revelando aos leitores em um processo de “desnudamento”, de si e de seu cotidiano. Esse feito realmente fascina e é considerado necessário para que se entenda a vida dos sujeitos e a formação de suas espacialidades.

Ressalto que por esta obra tenho grande apreço, isso firmado pela identificação que senti no momento de contato; talvez, pela clareza, ludicidade, ou mesmo pelos exemplos concretos que a autora expõe em seu livro, trazendo-me de forma didática ao real, ao vivido, de fato fazendo-me compreender “[...] o espaço como a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, com a esfera na qual distintas trajetórias coexistem” (MASSEY, 2008, p. 29).

A partir das leituras de Massey (2000; 2008; 2009), gostaria de reavivar algumas memórias de minha infância despertada pela leitura e contextualização da autora, com a intenção de realizar o exercício de compreensão do espaço por meio dos nossos entendimentos de mundo, de nossas atitudes, posicionalidades e políticas frente aos outros (MASSEY, 2008).

Partindo deste pressuposto, resgato algumas inquietações que talvez sejam comuns, principalmente no acontecimento da infância atinente ao processo de construção dos símbolos e das coisas que existem. Naturalmente, a curiosidade e as perguntas surgem, na intenção de compreender a realidade, de modo que urge a necessidade de respostas que sejam satisfatórias aos nossos questionamentos. Bem, comigo não foi diferente!

Lembro-me de alguns episódios que marcaram minha infância de certa forma, principalmente pelas questões que fazia a outras pessoas e a mim mesmo, com a intenção de apreender os movimentos que aconteciam. Deveras, já estava a imaginar como se organizava o espaço e como os elementos que interagiam comigo se relacionavam entre si, e vice-versa. Na leitura de Massey (2008), estava eu a pensar, mesmo que de forma inconsciente, as inter-relações que se constituem “[...] desde a imensidão do global até o intimamente pequeno” (MASSEY, 2008, p. 29).

Este acontecimento é fortemente marcado por lembrar que aos seis anos fui pela primeira vez até uma agência bancária acompanhado dos meus pais, em uma pequena cidade do interior paulista onde residia na zona rural. Revelo minha fascinação em presenciar um local que “guardava o dinheiro de todas as pessoas, podendo elas estarem ou não na cidade”, como explicou minha mãe. Isso ao meu simples entender era inconcebível e impossível de acontecer. “Já pensou se todas as pessoas do mundo resolvessem guardar seu dinheiro lá? Não caberia!”.

Lembro que foi difícil elaborar o entendimento de como uma cidade tão pequena podia ter uma conexão tão grande, entre as pessoas e os diferentes lugares. O que cabia em minha compreensão eram somente os elementos presentes em meu cotidiano (MASSEY, 2008, p. 24 - 25), práticas que normalmente não transpunham escalas das quais desconhecia, que ainda não haviam sido construídas pelas relações sociais da qual fazia parte (MARSTON, 2000), visto que tal conexão com o mundo, com o global, era poderosa e me assustava.



Situacionalidade e Interpretações: Quantas Geografias Cabem em uma Vida?

A partir de então, atentei-me sobre as coisas que me rodeavam. Lembro-me de algumas indagações: “De onde vêm os carros? São feitos aqui? Para onde vão? Os aviões? Quem são as pessoas que fazem? Demora muito? Por que as pessoas fora do Brasil não falam português?”.

Era uma infinidade de questões meramente curiosas, sobre as funcionalidades e serviços decorrentes da interação com o novo, com o desconhecido, com tudo aquilo que escapava da realidade até então vivida (SANTOS, 1996). Iniciou-se assim, minhas primeiras percepções espaciais; pensamentos que questionavam a organização, o espaço em si e a relação com o tempo, principalmente o que se direcionava aos diferentes fluxos (SANTOS, 2006), já que era o que me chamava mais a atenção.

Neste momento, começava-se a entender as diferentes conexões entre lugares e suas pluralidades (MASSEY, 2008), de modo que a todo instante era possível um rearranjo dos elementos e acontecimentos que por mim eram captados no movimento da produção do espaço. Tais questões iniciais, me permitiram posteriormente entender que minha realidade era produzida por uma infinidade de elementos (materiais e imateriais) que eram constituídos por relações que não necessariamente aconteciam ali, restritas naquele lugar, e que eram inúmeras as formas de ‘afetamentos’ ao acessar o mundo (MASSEY, 2000).

No meu caso, dado o recorte temporal espacial as condições se restringiam ao mundo apresentado pela televisão, o que me permitiu refletir em 2001 aos sete anos de idade sobre o Atentado de 11 de Setembro, no qual o grupo terrorista Al Qaeda explodiu dois aviões contra as torres gêmeas do World Trade Center, nos EUA, um fato que chocou a todos!

Eu mal sabia do que se tratava, mas entendi o quão grande foi a repercussão que isso gerou no mundo todo. Presenciei assim, a intensidade da relação da globalização neoliberal, na qual “[...] os lugares são linhas cruzadas nas mais amplas geometrias do poder que constituem tanto eles próprios quanto o global” (MASSEY, 2008, p. 152).

Por semanas, esse foi o único assunto falado por todos, por onde quer que eu passasse. Ouvia o padre comentar na igreja, em rodas de conversas, na casa de amigos e familiares, e principalmente na televisão. A repercussão foi imensa, e este acontecido despertou em mim o contato com forças e poderes, interesses e conexões existentes no “mundo lá fora”.

Evidentemente, os exemplos apresentados aqui são fragmentos de algumas experiências que tive na infância em meu processo de construção, e certamente estes não estiveram isentos de subjetividade, já que:

[...] as identidades são relacionais em formas que são espaço temporais. Estão, sem dúvida, estreitamente ligadas com as narrativas do passado e são constituídas por recursos que herdamos, mas não somente, de fato, esses próprios passados têm uma geografia, como também o processo de construção de identidade está em processo agora (MASSEY, 2008, p. 271).

Desse modo, as contribuições de Massey (2008) possibilitaram-me entender o processo de construção e a sua relação com o tempo e espaço de forma real,

Situacionalidade e Interpretações: Quantas Geografias Cabem em uma Vida?

visto que minhas práticas foram se transformando neste movimento múltiplo e relacional, em devir.

Outro acontecimento que se relaciona com o que Massey (2008) aborda, foram meus estudos iniciais na escola, este momento foi à abertura de novos caminhos, já que transcendia a esfera familiar, ainda que situada em uma realidade que para outras pessoas possa parecer limitada. Estas mudanças me proporcionaram o surgimento de muitas perguntas que bombardeavam minha mente a cada instante que tinha contato com algo “novo”. A complexidade de tais relações foram se adensando ao transcorrer do tempo, o que proporcionou compreensões de mundo que foram sendo agregadas na ação de pensar o espaço, entendendo que este “[...] é uma dimensão implícita que molda nossas cosmologias estruturantes” (MASSEY, 2008, p. 15).

Já na adolescência, cursando o Ensino Médio, conseguia minimamente elaborar projetos de mudança que de início partiam do meu desejo, por não me sentir mais contemplado ou mesmo satisfeito com a realidade na qual vivia. E foi a partir dessa proposta que busquei por transformações já arquitetadas em um novo projeto (VELHO, 1994 com base em SCHUTZ, 1979) que conduziria de forma organizada meus objetivos e sonhos, de modo que estes pudessem ser alcançados dentro do rol de possibilidades de um jovem interiorano de origem simples (TURRA NETO, 2015, p. 129).

Com a inserção de algumas mudanças e o estabelecimento de relações, foram sendo socialmente construídas outras escalas (MARSTON, 2000, p. 220) que se fizeram necessárias para a continuidade do meu movimento em processo, tanto que assim pude ampliar horizontes ao vivenciar a adolescência e o início da juventude, sendo esta praticada e experienciada com pares, tornando-se para mim uma “experiência formativa dos sujeitos e que faz dos/as jovens reais produtores de seus espaços de interação” (TURRA NETO, 2015, p. 128 - 129).

Assim, o campo de possibilidades (VELHO, 1994) me permitiu redirecionar o curso de vida, entendendo que cursar o Ensino Superior Público e de qualidade era uma realidade possível, que não estava tão distante, mas que não seria de fácil alcance. Enfim, já nascia uma nova proposta que ganhava “consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de projetos com objetivos específicos” (VELHO, 1994, p. 47).

Contudo, a transformação somente se materializou com a mudança para Presidente Prudente - SP, para cursar Geografia na UNESP após a aprovação no vestibular em 2013. Esta não foi a única mudança, talvez tenha sido a primeira mais drástica, mas não a única. É neste momento que sinto que minha trajetória de vida possui algumas similaridades com a de Catarina, retratada no texto de Gilberto Velho (1994, p. 45):

O caso de Catarina ilustra e pode ajudar a pensar as implicações desse estado de coisas. Açoriana, até certo ponto pré-socializada na cultura americana, desembarca com sua família nos EUA e, rapidamente, se vê envolvida e participando de um estilo de vida novo e cheio de contradições. Vive com seus pais e parentes, enquanto vai à escola onde entra em contato com formas de sociabilidade imprevistas.

Evidentemente, trata-se de contextos extremamente diferentes, Catarina

desfrutou de vivências que permitiram a ela estranhamentos e aproximações culturais que não eram advindas de sua origem, o que não foi experienciado por mim em mesma proporção, dado que as relações se ampliaram no que se refere a dimensão com poucas alterações concernentes à diversidade cultural.

Outra similaridade existente entre mim e Catarina é o processo de constante negociação pelo qual passamos para nos inserirmos em um novo contexto espacial regido por lógicas a princípio não conhecidas, o que nos exigiu adaptabilidade frente às contradições encontradas. De fato, "[...] o trânsito intenso e frequente entre os domínios diferenciados implica adaptações constantes dos atores, produtores de e produzidos por escala de valores" (VELHO, 1994, p. 44) que automaticamente redirecionam e redesenham as vivências. Esse elemento faz com seja notável as ressignificações pelas quais passamos em nossas trajetórias de vida, principalmente quando há mudanças significativas.

O que Catarina e eu temos em comum são as vivências adquiridas ao longo do tempo, que se somam as marcas corporais que cada qual possui. Essas marcas podem ser estéticas, étnico-raciais, de gênero, religiosas, culturais, de orientação sexual, etc. que vão se “combinar” se materializando em nossos corpos, tornando-nos geopoliticamente marcados, “na medida em que o corpo não é compreensível fora do lugar de sua própria constituição” (SILVA; ORNAT, 2016, p. 72).

O que posso afirmar é que muito do que havia em mim (percepções, costumes e identificações, etc.) foi ressignificado a partir das transformações das relações espaciais. Passei então, a produzir uma nova espacialidade já compreendida em uma nova escala de interpretação.

Foi assim que iniciei a busca pelos objetivos traçados nesta nova etapa, ainda sem conhecer muito bem as inúmeras possibilidades e os diferentes laços que viria a constituir. Ao longo dos cinco anos da graduação, obtive inúmeras experiências, as mais diversificadas, tanto que uma delas é o que me motiva “hoje” a redigir este texto.

Ao iniciar a graduação, fui apresentado a “diferentes mundos”, um deles foi o mundo da pesquisa científica, pelo qual me apaixonei frente a inúmeras possibilidades. No entanto, era movido por duas forças diferentes, sendo movido pela paixão do conhecimento e empurrado pela necessidade, já que há uma significativa deficiência nas políticas de permanência estudantil, visto que a pesquisa acadêmica tem servido como válvula de escape para a insuficiência de tais políticas. Isso tem sido um grande problema dado o desmonte da educação em todos os níveis, a evasão de alunos pobres, bem como os problemas referentes à saúde mental dos alunos de Graduação (BERNARDES, 2018) e Pós-Graduação que têm sido cada vez mais agudos. Atualmente, quando recorro de todos estes fatores, costumo sempre pensar que “tive sorte, pois, cheguei ao lugar certo pelos motivos errados!”.

Dado essas possibilidades e condições pensei em desenvolver algo que fosse de meu agrado e que minimamente houvesse identificação, para além da necessidade do cunho científico, mas isso ainda não era nítido. Isso se delimitou melhor somente no segundo ano da graduação quando me aproximei do Laboratório de Biogeografia e Geografia da Saúde (BIOGEOS) com intenções ainda incertas.

A proposta de pesquisa somente “nasceu” a partir de uma experiência empírica pessoal, na qual me encontrei em situação de risco à infecção pelo HIV. Confesso, que foi uma experiência que reorganizou diferentes estruturas (psicológicas, emocionais, familiares, etc.). A ocorrência desta situação foi um grande marco que proporcionou inúmeros questionamentos, estando os primeiros centrados na probabilidade e possibilidade, como: “Isso somente aconteceu comigo?”; “Qual a chance de ter acontecido com outras pessoas como eu?”; “Uma mesma situação é possível para pessoas diferentes?”. Foram questionamentos que tencionaram a minha posição de unicidade, fazendo com que eu pensasse na possibilidade para outros, estando nas mesmas condições ou não (DARDEL, 2011).

Em um segundo momento surgiram as questões de caráter geográfico, no qual me colocava a pensar sobre as relações que passei a produzir nessa nova etapa de vida como: “Será que os elementos que a cidade me oferece influenciaram?”; “Quais são as relações espaciais e escalares?” “Quais eram as diferentes forças que me atravessavam?”. Todas estas questões me levaram a refletir em profundidade as escolhas que estava a fazer, já que estava distante do contexto familiar, da zona de conforto e acolhimento, foi quando me vi sozinho.

Sem sombra de dúvidas, esse acontecido proporcionou uma reflexão sobre a produção e vivência dos espaços, elucidando que “as lutas locais dentro da complexa geometria de poder das relações espaciais é um elemento-chave na formação de suas identidades políticas e de sua política” (MASSEY, 2008, p. 258) junto às articulações de escalas e as implicações das transformações decorrentes das escolhas no campo de possibilidades.

Tal acontecimento de certa forma abriu meus olhos para uma realidade que afeta milhões de pessoas. Este foi o (des)caminho pelo qual surgiu minha proposta de Iniciação Científica¹ com o intuito de identificar os grupos de jovens em situação de vulnerabilidade à infecção pelo HIV em Presidente Prudente – SP caracterizando os contextos espaciais desses sujeitos.

Ao iniciar aproximação com a temática fiquei surpreso, já que este é um problema de saúde pública crescente em nível nacional neste segmento da população. É a camada jovem que atualmente apresenta um dos mais intensos recrudescimentos do HIV/AIDS no Brasil, de modo que se destaca para o público feminino o aumento de 10,5% na faixa de 15 a 19 anos; e, para o público jovem masculino, o surpreendente aumento de 120% na faixa de 15 a 24 anos (BRASIL, 2014, p. 14), o que tem sido cada vez mais preocupante frente as estratégias de prevenção para este público dada a conjuntura atual do Sistema Único de Saúde (SUS).

Neste movimento de pesquisa se passaram três anos dos quais pude presenciar histórias de vida que configuravam outras espacialidades, outras práticas na cidade, que proporcionavam a mim diversos confrontos de experiências, em uma magnitude tão profunda a ponto de resignificar minha vida a partir da vida dos sujeitos que entrevistei.

1 Título: Situações de vulnerabilidade e contexto geográfico: o recrudescimento do HIV/AIDS na população jovem de Presidente Prudente - SP, fomentada pela FAPESP (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo) registrada no processo 2014/20724-6 sob orientação do Prof. Titular Raul Borges Guimarães.

Situacionalidade e Interpretações: Quantas Geografias Cabem em uma Vida?

Esta foi uma das experiências mais fortes que vivi. Foi a partir da vida de outras pessoas e do que o HIV/AIDS representava à elas que pude entender que o espaço sempre será um constante devir (MASSEY, 2008). Esta experiência foge a alçada dos ganhos acadêmicos, mas não deixa de fazer parte de um conjunto de feitos que se materializaram ao fim da minha graduação, resultando em minha monografia de Bacharelado em Geografia (PEDROSO, 2017).

Foram muitas as provocações que encontrei pelo caminho em relação à pesquisa, inúmeros momentos dos quais os “problemas bateram à porta”, de modo que era inadmissível ficar isento, sem posição. No acontecimento da pesquisa fui sendo tensionado por inúmeros elementos, como leituras sobre as questões de saúde-doença, HIV/AIDS, gênero e sexualidade que ainda são latentes (BUTLER, 2015). Mas também houveram outras tensões, como os ataques e deslegitimações sofridos referentes à Geografia da Saúde, à Geografia de Gênero e a temática de pesquisa, realizado por pares que se valem de “discursos hegemônicos”, para desqualificar outras geografias. Com isso, aprendi que no campo geográfico é preciso sempre contra argumentar qualificadamente para firmar e manter a condição plural da Geografia.

Esses foram e são alguns dos motivos que me levaram a iniciar uma nova etapa nesta trajetória, ainda extremamente recente; trata-se do início da Pós-Graduação em Geografia². Neste movimento, trago como proposta analisar o processo de saúde-doença do HIV/AIDS em mulheres soropositivas residentes de Presidente Prudente – SP, pautando a relação entre vulnerabilidade de gênero, produção do espaço e ação do sujeito, visto que “[...] à infecção pelo HIV é resultado de um conjunto de características dos contextos político, econômico, sociocultural [...]” (BUCHALLA; PAIVA, 2002, p. 118); consequentemente geográfico.

Neste sentido, preocupo-me com a reflexão na interface da Geografia, das Ciências da Saúde e os estudos Feministas e de Gênero, de modo que buscarei relações entre a produção social do espaço, a ação dos sujeitos e as diferentes vulnerabilidades (social, econômica, educacional) que se fazem presentes na vida das mulheres soropositivas HIV/AIDS, uma vez que a vulnerabilidade de gênero está intrínseca na dinamicidade entre espaço, saúde e doença (CHAMMÉ, 2002, ALVES; GUIMARÃES, 2010; GUIMARÃES, 2015; ALVES; PEDROSO; GUIMARÃES, 2019).

Assim, perante os processos e aprendizagens, entendi que a relação do fenômeno HIV/AIDS com a produção do espaço geográfico é muito complexa e fluída, visto que é preciso considerar a realidade social em movimento, das pessoas e seus corpos. Isso se justifica porque estas relações dadas são oriundas de um sistema opressor, entendendo que o espaço geográfico “não é neutro do ponto de vista do gênero, [de modo que] torna-se necessário incorporar as diferenças sociais de gênero” (SILVA, 1998, p. 108) aos estudos geográficos.

Com isso, espero poder realizar uma leitura adequada das situações que

2 Projeto de mestrado intitulado “Espaço e gênero: vulnerabilidade de mulheres soropositivas HIV/AIDS em Presidente Prudente – SP” fomentada pela FAPESP (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo) registrada no processo 2018/05706-2 sob orientação do Prof. Titular Raul Borges Guimarães.

estão por vir em minha pesquisa de mestrado, contando com as contribuições de Rose (1993), Haraway (1995), Crenshaw (2002), Valentine (2007), Silva (2007), Massey (2008; 2009) e Souza e Ratts (2009) já que estas(es) autoras(es) elucidam as posicionalidades, abordam os corpos e suas interseccionalidades no processo de formação do espaço, visto que tenho como foco construir um trabalho comprometido com a Geografia da Saúde e as Geografias Feministas (SILVA, ORNAT, CHIMIN JUNIOR, 2017).

Algumas Considerações

Este singelo texto, centrou esforços em relatar causos e consequências presentes em minha trajetória de vida, e com isso não almejei esgotar todos os acontecidos e suas respectivas interpretações, já que não se trata de um relato de história de vida. O tom que pretendi alcançar com este texto é o de possibilidade, reforçando que é possível refletirmos sobre as trajetórias de vida - inclusive nossas próprias trajetórias - a partir dos conceitos geográficos, para que assim haja empatia ao lidar com outras pessoas, com outras Geografias.

Tive como propósito desempenhar o exercício de interpretar alguns conceitos através do palpável, do cotidiano (CERTEAU, 2008), com a esperança de que as pesquisas que abordam sujeitos sociais na Geografia tenham cada vez mais lastro e envolvimento com a vida das pessoas (PEDROSO; GUIMARÃES, 2015; PEDROSO; GUIMARÃES, 2017), de modo que esse caminho seja exequível através de objetivos e metodologias criativas e dialógicas.

Tendo como aporte tudo o que foi relatado e discutido, sinceramente espero ter causado provocações e tensionamentos que despertem o entusiasmo, lembranças e vivências, sejam estas da infância, juventude ou mesmo da atualidade dos leitores, e que estas sirvam de combustível para instigar e manter em todas e todos à ampliação de discussão que se faz diariamente necessária, visando o movimento contínuo de construção da Geografia. Afinal, quantas Geografias cabem em uma vida?

Agradecimentos

Agradeço aos meus entrevistados que se dispuseram em compartilhar suas histórias de vida fazendo com que suas vidas também se tornassem parte da minha, bem como agradeço as mulheres do Grupo “Plug and Play” que me receberam tão carinhosamente com a proposta de continuidade dos estudos. Também marco agradecimentos à Associação Prudentina de Prevenção a AIDS (APPA) pelo apoio e colaboração desde os passos iniciais da pesquisa que se mantém em percurso.

Agradeço também as reflexões que foram reavivadas durante as disciplinas de Pós-Graduação em Geografia, UNESP, Presidente Prudente – SP, especificamente, na disciplina intitulada “Espaços, Sujeitos e Cursos de Vida” ministrada pelos docentes Profa Dra. Joseli Maria Silva e Prof. Dr. Nécio Turra Neto, que assumiram o compromisso de instigar novas possibilidades. A estes o meu respeito, admiração e carinho.

Por fim, e não menos importante agradeço à FAPESP (Fundação de Amparo

Situacionalidade e Interpretações: Quantas Geografias Cabem em uma Vida?

a Pesquisa do Estado de São Paulo) pelos anos de apoio e fomento das pesquisas (processo 2014/20724-6; processo 2018/05706-2).

Referências

ALVES, N. C; GUIMARÃES, R. B. Escala geográfica, câncer de mama e corpo feminino. **Rev. Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 1, n. 2, p. 245 - 253, 2010.

ALVES, Natália Cristina; PEDROSO, Mateus Fachin; GUIMARÃES, Raul Borges. Corpos que falam: interpretações geográficas entre saúde, gênero e espaço. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 41, v. 3, Dossiê “Geografias interseccionais: gênero, raça, corpos e sexualidades” p. 09-24, 2019.

BERNARDES, M. P. **Saúde mental na universidade: transtornos mentais e comportamentais entre os estudantes de graduação da UNESP de Presidente Prudente/SP**. 2018. Monografia (Graduação em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente.

BRASIL. **Centro de Referência e Treinamento**. DST/AIDS Prevenção das DST/aids em adolescentes e jovens: brochuras de referência para os profissionais de saúde, 2014.

BUCHALLA, C. M; PAIVA, V. S. F. Da compreensão da vulnerabilidade social ao enfoque multidisciplinar. **Revista de Saúde Pública /Journal of Public Health**, v. 36, n. 4, p. 117 - 119, 2002.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade** (Trad. Renato Aguiar), 8º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHAMMÉ, S. J. Corpo e saúde: inclusão e exclusão social. **Saúde e sociedade**, v. 11, n. 2, p. 3 - 17, 2002.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos feministas**, n. 10, v. 1, p. 171 - 188, 2002.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica** (Trad. Werther Holzer), São Paulo: Perspectiva, 2011.

GUIMARÃES, R. B. **Fundamentos de Geografia Humana**. São Paulo (SP). Editora UNESP. 2015.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o

- privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7 - 41, 1995.
- MARSTON, S. A. The social construction of scale. **Progress in Human Geography**. v. 24, n. 2, p. 219 - 242, 2000.
- MASSEY, D. Concepts of Space and Power in Theory and in Political Practice. **Documents d'Anàlisi Geogràfica**. v. 55, p. 15 - 26, 2009.
- MASSEY, D. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Trad. Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MASSEY, D. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. **O espaço da diferença**. Campinas-SP: Papirus, 2000, p. 176 – 185.
- MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002. 248p.
- MIOTELLO, V. Deve haver uma perspectiva discursiva em que a memória do passado é instabilizada pela memória do futuro para constituir sentidos agora. Daí que os projetos de dizer dos sujeitos têm importância. In: CAGLIARI, L. C. [org.] **O tempo e a linguagem**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008, p. 145 – 156.
- PEDROSO, M. F. **Contextos geográficos da AIDS e os espaços vividos por jovens com HIV em Presidente Prudente – SP**. 2017. Monografia (Graduação em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente.
- PEDROSO, M. F; GUIMARÃES, R. B. A análise da subjetividade em Geografia da Saúde: abordagem qualitativa de soropositivos em HIV em Presidente Prudente - SP. **Geografia em Atos** (Online), v. 2, p. 1 - 9, 2015.
- PEDROSO, M. F; GUIMARÃES, R. B. Marcas do HIV/AIDS em Corpos Jovens: Rupturas e Ressignificações no Espaço Urbano. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 2, p. 23 - 50, 2017.
- RODRIGUES, M. A. A. Autobiogeografia como metodologia decolonial. In: 26º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em artes plásticas, 2017, Campinas. Memórias e Invenções: **ANAIS DO 26º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em artes plásticas**. Campinas: ANPAP/PUC - Campinas, 2017. v. 26. p. 3148 – 3163.
- ROSE, G. **Feminism & geography**: the limits of geographical knowledge. Cambridge: Polity Press, 1993.
- SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1996, 128 p.



Situacionalidade e Interpretações: Quantas Geografias Cabem em uma Vida?

SANTOS, M. **Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, J. M; ORNAT, M. J. Corpo como espaço: um desafio a imaginação geográfica. In: PIRES, C. L. Z; HEIDRICH, A. L; COSTA, B. P. **Plurilocalidade dos sujeitos**: representações e ações no território. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2016. p. 56 – 75.

SILVA, J. M. Amor, paixão e honra como elementos da produção do espaço cotidiano feminino. **Espaço e Cultura**, n. 22, p. 97 - 109, 2007.

SILVA, J. M; ORNAT, M; CHIMIN JUNIOR, A. B. 'Não me Chame de Senhora, eu sou Feminista!' Posicionalidade e Reflexibilidade na Produção Geográfica de Doreen Massey. **GEOGRAPHIA (UFF)**, v. 19, p. 11 - 20, 2017.

SILVA, S. M. V. da. Geografia e gênero/Geografia e feminismo – o que é isto? **Boletim Gaúcho de Geografia**, n. 23, p. 105 - 110, 1998.

SOUZA, L. F; RATTS, A. J. P. Espaço, cultura e poder: gênero e raça em análise na geografia. **Ateliê Geográfico**, v. 3, n. 1, p. 97 - 110, 2009.

TURRA NETO, N. Definir juventude como ato político: na confluência entre orientações de tempo, idade e espaço. In: CAVALCANTI, J. S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L. M. **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2015, p. 119 – 136.

VALENTINE, G. **Theorizing and Researching Intersectionality**: A Challenge for Feminist Geography. *Professional Geographer* v. 59, p. 10 - 21, 2007.

VELHO, G. Trajetória individual e campo de possibilidades. In: VELHO, G. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 3º ed., 1994. p. 31 - 48.

Recebido em 30 de novembro de 2018.

Aceito em 15 de julho de 2019.

Mateus Fachin Pedroso

78